



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
LETRAS

Audria Thays Arraes Pereira

A violência na ficção contemporânea na obra “Cidade de Deus” de Paulo Lins

BRASÍLIA - DF
Novembro/2011

Audria Thays Arraes Pereira

A violência na ficção contemporânea na obra “Cidade de Deus” de Paulo Lins

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB - tendo como orientadora a Prof^a Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia.

BRASÍLIA - DF
Novembro/2011

Audria Thays Arraes Pereira

A violência na ficção contemporânea na obra “Cidade de Deus” de Paulo Lins

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB - tendo como orientadora a Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia.

Aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia (Orientadora UniCEUB)

Profª Drª Maria Eneida Rosa (UniCEUB)

Profª Ma. Ana Regina Salviano (UniCEUB)

Dedico esta monografia a minha mãe por sempre acreditar em mim e por me dar força em todos os momentos difíceis da minha vida.

Ao meu marido por me mostrar que devemos lutar sempre pelo que queremos.

Ao meu filho Arthur que é a razão do meu viver e a mim mesma pelo meu crescimento e superação.

Agradeço imensamente a minha professora e orientadora Ana Luiza que me deu todo o suporte para o desenvolvimento da monografia, sem a qual não seria possível a realização da pesquisa.

Também agradeço aos demais professores que diretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui.

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda sim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário. Teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p.17.

RESUMO

A monografia trata da obra de ficção brasileira contemporânea, "Cidade de Deus", de Paulo Lins analisada sob o viés da violência urbana. É sabido que esta temática permeia o processo educacional, seja pela violência física seja pela violência simbólica em sala de aula, e como tal, a literatura representa simbolicamente a realidade. O trabalho é composto de três partes, que se solidificam na relação teoria e prática e na formação de leitores literários.

Palavras - chave: violência urbana – literatura-leitores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: FICÇÃO CONTEMPORÂNEA E VIOLÊNCIA URBANA.....	10
CAPÍTULO II: ASPECTOS DA FICÇÃO NARRATIVA DE PAULO LINS.....	16
CAPÍTULO III: PLANO DE AULA.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Ao se iniciar qualquer observação sobre a prosa da ficção brasileira contemporânea, especialmente a que é praticada a partir de 1994 até a primeira década do século XXI, percebe-se, de saída, que precisa-se deslocar a atenção de modelos, conceitos e espaços que eram familiares até pouco tempo atrás. Tem-se que deixar jargões tradicionais no trato literário e, saudavelmente, conhecer termos que vão da antropologia ao vocabulário do misterioso universo da informática, tudo isso atravessado pelas necessárias reflexões políticas, pois se vive hoje, no Brasil e, de modo geral em todo o mundo, um momento em que o viés político tende a atravessar todas as atividades, o que é uma consequência positiva da democracia.

Um dos aspectos importantes a se destacar diante da produção literária contemporânea, uma merece destaque que é a da multiplicidade e está diretamente relacionada ao *corpus* da pesquisa, a obra “*Cidade de Deus*”, de Paulo Lins.

É possível evidenciar que ao se falar da categoria da multiplicidade está dando relevo a uma nova linguagem de um determinado contexto, seus usos e costumes, suas alegrias, suas “possíveis” esperanças numa melhor qualidade de vida e de uma melhor distribuição de renda, entre outros fatores.

Como decorrência da categoria da multiplicidade a monografia se estruturou teoricamente em dois capítulos: o capítulo I que a narrativa contemporânea explicita muito bem ao estender os seus tentáculos ao tratar da violência urbana; e, o capítulo II dedicado ao autor Paulo Lins, especificando aspectos de sua narrativa, do universo concreto com todas as suas peculiaridades e com um olhar de dentro de quem vive no *locus* da enunciação. E o capítulo III em que se teve por objetivo tornar porosa a relação teoria e prática, em especial, na literatura escolarizada, buscando a formação de leitores literários críticos e “anteados” com a aldeia global, sem esquecer que para que a pesquisa se estruturasse a metodologia se constituiu na pesquisa bibliográfica e na análise detalhada do *corpus* que permeia todo o trabalho.

Capítulo I

Ficção contemporânea e violência urbana

Uma das formas de tentar compreender a ficção brasileira contemporânea é destacar que o local de enunciação é a cidade/ urbano. Desde meados dos anos 60, vem-se enfraquecendo a distinção campo/cidade, que alimentava a pluralidade temática específica dos textos ficcionais. Com a industrialização crescente desses últimos anos, a ficção brasileira contemporânea que se centra na vida dos grandes centros urbanos que cada vez mais incham e se devoram, dando ênfase na solidão e nas aflições que são geradas pelos problemas sociais existentes desde então.

A narrativa urbana periférica¹ vem tomando grandes proporções dentro da série da prosa literária, em um decorrente natural do seu processo de consolidação histórico-social. Na contemporaneidade a ficção urbana faz com que as cidades ultrapassem seus horizontes originais de representação, pois a cidade funciona como tradução de um lugar de “opressão”, nos seus múltiplos níveis: social, traduzindo a exclusão da maior parte dos indivíduos do sistema que ela representa; político, traduzindo a centralização do exercício do poder em benefício de poucos; ideológico, traduzindo a reiteração constante de normas e valores que oprimem o sujeito. Uns dos aspectos importantes presente na cultura brasileira, hoje é a violência.

A ficção brasileira contemporânea tem como dramatização a violência sendo a principal diretriz com caráter obscuro, ultrapassando espaços, tempos, personagens e situações, por tratar de lugares não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos, trazendo a expressão do sujeito até então sem voz, possibilitando uma nova vertente temática e estilística.

¹ “cenas que o sujeito participa, sem distância. Não relata de fora. Se narra como parte da cena.” ORLANDI, Eni. Cidade dos sentidos. Campinas: Pontes, 2004a, p. 30.

Pode-se perceber que os aspectos econômicos sociais e culturais constituem a base apresentada na linguagem da ficção brasileira contemporânea. Uma das vertentes mais importantes é a representação da violência na obra literária brasileira contemporânea que usa a força para causar dano físico ou psicológico à outra pessoa, o que leva a problemática do crime.

Não se pode negar que a violência em suas diversas formas e representações aparecem como algo somatório a cultura brasileira fundamental na organização da ordem social característico das culturas de extração colonial. A história brasileira comporta uma violência em suas múltiplas facetas, podendo assim ser encontrada desde as origens em prosa e poesia, na conquista, na ocupação, na colonização, no aniquilamento dos índios, na escravidão, nas lutas pela independência, na formação das cidades e dos latifúndios, nos processos de industrialização, no imperialismo, nas ditaduras militares. A transformação gradativa da estrutura socioeconômica e demográfica do país fez com que a literatura se desenvolvesse e se adequasse a evolução do tempo tendo como pano de fundo a violência².

A literatura urbana se desenvolveu por um caminho paralelo à representação da violência. Desde o início do romance brasileiro, a cidade e o “polo modernizador”, trazendo os valores da civilização europeia com realidades diferentes do sertão. Essa violência esta na raiz de todo tipo de violência, das mais brutais até as mais sutis. A valorização do ethos da malandragem caracterizada pelo “caráter nacional”, basea-se no humor irreverente, na ironia ferina, na simpatia, na irresponsabilidade, na valorização de espaços e práticas estranhas ao trabalho, preguiça, calor, sexo, malemolência até a violência “inofensiva” cotidiana.

A violência representada seguia os códigos naturalistas da época que brotavam do submundo. Sem dúvida a violência assume um papel de protagonista na ficção brasileira desde meados dos anos 60, principalmente na ditadura militar. Com a crescente industrialização do período cada vez mais a

² Pellegrini, Tânia – “No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 24. Brasília, julho-dezembro de 2004, pp. 15-34.

ficção fica centrada nos grandes centros urbanos que crescem rapidamente gerando os problemas sociais e dando força ao crescimento assustador da violência a níveis inacreditáveis.

Surgem então as divisões que dependendo da região tem sua classificação em “centro” e “periferia”, em “favela” e “asfalto”, em “cidade” e “subúrbio”, em “bairro” e “orla”, caracterizando-se pela descrição da violência entre bandidos, traficantes, delinquentes, drogados, policiais corruptos, prostitutas, mendigos, todos os tipos moradores do submundo.

O novo mundo urbano como objeto ficcional representa uma realidade inaceitável permitindo a reflexão das vozes abafadas culturalmente, mas que afloram nas narrativas contemporâneas. No ensaio “A nova narrativa”³, Antonio Candido afirma que o “realismo feroz” se faz melhor nas narrativas em primeira pessoa, quando “a brutalidade da situação é transmitida pela brutalidade de seu agente (personagem), ao qual se identifica a voz narrativa, que assim descarta qualquer interrupção ou contraste crítico entre narrador e matéria narrada”.

Para Antonio Candido⁴ o uso da terceira pessoa impede a identificação do narrador com o personagem por motivos sociais. Mas, para alguns contemporâneos o uso da terceira pessoa funciona muito bem. Levando em conta todas essas informações e vendo que tudo é

e uma representação da realidade seja ela do narrador ou não faz com que o uso seja algo que de um novo teor a linguagem literária partindo da concepção da nova realidade urbana.

Ainda segundo Antonio Candido pode-se aplicar isso em textos literários de ficção contemporânea onde os pontos considerados “exteriores ao texto”, como a capacidade da literatura de criar ou não mundos verossímeis da realidade concreta, potencializando sua função social. A arte literária pelo seu poder de envolvimento tanto para o sujeito receptor (leitor) quanto para o

³ CANDIDO, Antonio. A nova narrativa, em *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, pp.212-213.

⁴ CANDIDO, Antonio. Idem, p.215.

emissor (autor) surge como uma possibilidade de suprir a “necessidade de ficção”, Antonio Candido faz referência a essa necessidade intrínseca do ser humano:

(...) a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; alias ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (Candido, 1972, p.804).

Na realidade nenhum gênero é exatamente fiel a realidade, são sempre representações dela, são criações ficcionais do autor, alguns partem de um fato ocorrido outros da sua própria imaginação, podendo assim identificar uma forte relação com o real, por muitas vezes violento e cruel. Por um lado a exploração de uma realidade violenta é interessante para a indústria cultural, uma vez que desperta o horror e a piedade nos receptores das obras literárias que abordam este viés.

A narrativa de uma ficção contemporânea é também uma metalinguagem⁵, ela se auto-reflete mostrando que estamos num mundo novo e que é preciso uma nova linguagem para narrar as nossas próprias condições. Uma linguagem marcada pela experimentação, plasticidade, jogo, ironia, encenação, espetáculo.

Convém destacar que na prosa ficcional brasileira contemporânea, a obra pioneira do tipo narrativa/sintoma é “Cidade de Deus⁶” de Paulo Lins, objeto de estudo da monografia, publicada em 1997, terá importância não só por suas próprias qualidades, mas, por um aspecto fundacional, apontando para as mudanças que estariam a caminho.

O romance “Cidade de Deus” surgiu legitimado por um dos críticos mais destacados do Brasil, Roberto Schwarz⁷ que, em ensaio publicado na Folha de

⁵ Metalinguagem me.ta.lin.gua.gem *sf (meta2+linguagem)* 1 Linguagem que se utiliza para descrever outra linguagem ou qualquer sistema de significação. 2 Linguagem que o crítico literário utiliza para investigar as relações e estruturas presentes numa obra.

⁶ LINS, Paulo. Cidade de Deus. 2 Edição. Editora Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁷ Professor de Teoria Literária e crítico literário.

S.Paulo, saudou o livro como “um acontecimento”. Por quê? A obra situa-se no limiar em que a violência urbana e da periferia das grandes cidades, situa-se como experiência do autor/narrador. Como disse o escritor Férrez em recente entrevista a um programa de televisão, “morar dentro do tema é complicado⁸”

O romance “Cidade de Deus” volta-se para o local em toda a sua violência, talvez nele estejam as cenas mais violentas da literatura brasileira. É a subcultura do crime, do arbítrio, do mundo organizado não mais pelo trabalho, mas principalmente pelo universo infrator do narcotráfico. Surge uma singularidade trágica nessa cidade-gueto dentro da cidade, comunidade tomada pela iminência da tragédia que cerca seu cotidiano.

A ficção brasileira contemporânea mantém estreita ligação com a vida urbana, a cena muito presente é a cidade empilhada, é uma tendência documental, em que o esforço testemunhal dos narradores, diante da inserção social vivenciada, patenteia-se na linguagem fluida, comunicável, de forte compleição jornalística, na obsessão etnográfica com a contextualização de cena e dos caracteres, bem como na enfática objetivação da violência, em precisos recortes de extremos da torpeza humana.⁹

O que é importante destacar na violência urbana retratada pela ficção brasileira contemporânea, em especial, no *corpus* da pesquisa, é a compulsiva teimosia pela apreensão do real, por mais que tente positivá-la, não impede que ele escape. As conexões com o vivido da experiência histórica bem como as precauções tomadas na sua objetivação narrativa não evitam o sentimento de absurdo diante daquela existência recuperada. Daí, o círculo reiterativo e a insistência na repetição dos mesmos temas, motivos e caracteres nessa vertente da ficção brasileira testemunhal, que a todo o momento reafirma, como factual e autônomo o real problemático que pretende expor na vitrine.

É importante, portanto, discutir o enfoque da violência na ficção brasileira contemporânea, pois engendra o olhar do seu interior, especialmente o olhar que incide sobre aqueles que a sociedade brasileira não quer ver:

⁸ RESENDE, Beatriz. *Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008, p.35.

⁹ RESENDE, Beatriz. *Idem*, p.45.

estranhamento, exotismo, crueldade, melancolia, cinismo, testemunho são termos que reaparecem aqui e ali, seja como centro da análise, seja como tentativa de discernir o que se passa do lado de dentro da obra, ou mesmo em suas cercanias, quando se analisa a maneira como representantes de determinados grupos sociais são recebidos, ou não, no campo literário brasileiro¹⁰.

Não se pode também deixar de destacar que se *flâneur*, tal como o concebeu Baudelaire, fitava Paris sob o véu do *spleen*, na atualidade se ampliou esse caráter de participação no mundo. Nas grandes metrópoles e mesmo em áreas afastadas, criou-se uma sociedade do olhar. Um bombardeio de ícones congestionava a paisagem e, queira ou não, altera a convivência, a percepção do indivíduo e a forma de sentir e pensar. Olha, mas nada se vê, além do imediatismo que se busca.

Portanto, ao se falar em aspectos da ficção contemporânea não se pode deixar de enfatizar que a narrativa/sintoma, a questão do olhar e a violência são marcos determinantes para se analisar tais narrativas. O que é possível destacar é que na presentificação do real, essas histórias evidenciam uma realidade de desigualdades sociais acumuladas e nem sequer pensadas que vão eclodir numa rede sistemática de violência urbana, atingindo a todos como um feixe luminoso.

No capítulo II será vista a relação entre a obra "Cidade de Deus" e sua importância na ficção brasileira contemporânea.

¹⁰DALCASTAGNÉ, Regina (Org.). Alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2008, p.8-9.

Capítulo II

Aspectos da ficção narrativa de Paulo Lins

A obra “Cidade de Deus” é um romance de estreia de Paulo Lins¹¹, onde mostra as metamorfoses sociais em que a favela de mesmo nome passou durante um arco temporal de décadas. O romance é uma obra ficcional devido à configuração do espaço narrativo, o discurso do narrador, a abordagem etnográfica a linguagem popular marcada pelas gírias que é a fala de quem mora na periferia.

Em 1997, o poeta e compositor Paulo Lins, publicou a obra “Cidade de Deus”, a obra surgiu a partir da parceria com a antropóloga Alba Zaluar¹², que na época trabalhava em sua tese de doutorado e utilizava o conjunto habitacional “Cidade de Deus”, localizado na zona oeste do Rio de Janeiro na região de Jacarepaguá como campo de trabalho. Paulo Lins trabalhou como bolsista com a antropóloga Alba Zaluar, entrevistando os moradores do complexo, por ser morador e participante ativo das atividades do conjunto.

O romance foi escrito em terceira pessoa, uma das características da ficção contemporânea, é uma obra narrativa extensa com caráter realista, pois Paulo Lins usa fatos reais para estruturar a narrativa usando uma linguagem minuciosa e detalhada dos falantes do conjunto habitacional “Cidade de Deus” como os diálogos, os termos, as gírias e os palavrões que permitem identificar os mesmos.

O uso das gírias serve para fechar o entendimento vocabular dos indivíduos específicos do grupo, no caso, os que compartilham vivências dentro do universo da criminalidade. O tom e a frequência das gírias são abusados e incisivos. Assim, enquanto a malandragem não conversa e sim *desenrola uma idéia* ou então *manda uma letra*, os bichos-soltos cheiram *brizola* (cocaína)

¹¹ Paulo Lins, escritor e poeta brasileiro.

¹² Alba Zaluar, antropóloga, docente da FAAP e pesquisadora Associada do NAU - Núcleo de Antropologia Urbana da USP.

como loucos *entocados* (refugiados) em algum esconderijo da “Cidade de Deus”, fugindo de algum *sacode* (repreensão) que poderiam levar dos *samangos* (policiais).

Outra característica do romance de Paulo Lins é o caráter expressionista¹³ usado para descrever detalhes minuciosos dos crimes mantendo-se assim no decorrer de toda narrativa valorizando a violência e o suspense em cada gesto dos personagens. As transformações também ajudam a desenrolar a narrativa dos fatos dentro de um tempo cronológico linear marcado pelas décadas.

Pode-se perceber essas transformações quando o conjunto habitacional passa a ser favela, as crianças a serem bandidas, a polícia se deixa corromper, os valores sociais se modificam e assim o romance mescla estilos mantendo uma constante tensão quanto a realidade que se contrapõe a ficção, fazendo menções detalhadas das cenas, fragmentando os casos narrativos, mas seguindo uma relação linear com o tempo real, com exceção de alguns *flashbacks*.

A obra “Cidade de Deus” é centrada na violência e no crime que desenrola desenfreadamente naquilo que Paulo Lins, denomina como “neofavela”, um cenário de guerra entre os integrantes do tráfico de drogas e a polícia corrupta. Um romance brutal e terrivelmente assustador e que acompanha toda a narrativa até o fim. Pode-se perceber a violência da ficção em cada beco, cada casa, cada indivíduo, cada esquina, tendo seu ápice no relato do esquartejamento de um bebê:

Colocou o recém-nascido em cima da mesa. Este, ainda no primeiro momento, agiu como se fosse ganhar colo. Segurou o bracinho direito com a mão esquerda e foi cortando o antebraço. O nenê revirava-se. Teve de colocar o joelho esquerdo sobre seu tronco. As lágrimas da criança saíam como se quisessem levar as retinas, num choro sobre-humano. (p.68).

¹³ Expressionismo na literatura é o movimento marcado por subjetividade do escritor, análise minuciosa do subconsciente dos personagens e metáforas exageradas ou grotescas. Em geral, a linguagem é direta, com frases curtas. O estilo é abstrato, simbólico e associativo.

Teve dificuldade em atravessar o osso, apanhou o martelo embaixo da pia da cozinha e, com duas marteladas na faca, concluiu a primeira cena daquele ato. O braço decepado não saltou da mesa, ficou ali aos olhos do vingador. A criança esperneava o tanto que podia, seu choro era uma oração sem sujeito e sem um Deus para ouvir. Cortava o outro braço devagar, aquela porrinha branca tinha que sentir muita dor. (p.69).

Na obra “Cidade de Deus”, os crimes se sucedem em uma velocidade em que o leitor é levado a perceber como “natural” os embates sangrentos da narrativa, exemplificados entre os policiais e os bichos-soltos, grupos rivais da mesma favela, cenas de sexo e violência no interior dos barracos, sem alívio, tudo desembocando no crime e a droga servindo de estímulo e calmante.

No ascendente da barbárie em “Cidade de Deus”, os personagens que fazem parte desse espaço “piranhas”, “bichos-soltos”, “otários”, “rapazes do conceito”, “traficantes”, “laranjas”, todos são adolescentes analfabetos, afros descendentes e miseráveis que são dizimados como insetos pela máquina criminosa e por pequenos poderes e pequenas autoridades diante da imensa e gigantesca rede que sustenta essa situação.

O professor e crítico Roberto Schwarz enfatiza a força e a originalidade da obra:

Se por um lado o crime forma um universo a parte, interessante em si mesmo e propício a estetização, por outro ele não fica fora da cidade comum, o que proíbe o distanciamento estético, obrigando a leitura engajada, quando mais não seja por medo. Trata-se de uma situação com qualidades próprias (...) . Daí uma espécie de realidade irrecorrível, uma objetividade absurda, decorrência do acossamento, que deixam o juízo moral sem chão. Dito isso, estamos longe do exotismo ou do sadismo da literatura comercial de assunto semelhante (...). A intimidade com o horror, bem como a necessidade de encará-lo com distância, se possível esclarecida é uma situação moderna.

Para ele trata-se de uma “arte compósita”, ou seja, da ficcionalização de dados objetivos de pesquisa, uma interseção entre a “literatura de imaginação” e o “autoconhecimento da sociedade”. Para Schwarz, “*Cidade de Deus*” é um romance que explora fronteiras discursivas e, assim, se fortalece e se traduz numa linguagem vigorosa. Percebe-se que o narrador não economiza esforços em apresentar quadros da favela, como um filme de ação com fatos

acontecendo simultaneamente. Tal atitude torna dinâmica a narrativa e faz com que a série de episódios apresentados não se perca em qualquer tipo de placidez ou inércia.

A literatura fixa a vida por meio do discurso, transformando o em representação da realidade onde situações extremas como o sexo, a violência, a morte, cria temas que garantem um interesse narrativo no terror na piedade, na atração e na repulsa, na aceitação e na recusa, no interdito, no sadismo e no exotismo, esses limites de representação são o que seduz a violência que legitima a terrível realidade da “neofavela”.

Em “Cidade de Deus” tem-se a representação implacável da bandidagem cega, nua e crua onde “otário/bicho-solto”, só existe um a custa do outro. Essas questões estão ligadas ao que se pode chamar de pedagogia da violência onde o centro é a espetacularização. As narrativas contemporâneas da literatura brasileira trazem acima de tudo a além da controvérsia, a marca da diversidade na tentativa de exclusividade na temática da violência.

O autor Paulo Lins apresenta no texto a possibilidade as diferença a partir do “local de enunciação”, buscando a distinção aquela do texto canônico, possuindo uma estética que Dalcastagné¹⁴ identifica como “trazer o narrador para o centro da narrativa”¹⁵, talvez pelo fato do narrador e de alguns atores “morarem dentro do tema”.

Na narrativa Cidade de Deus, reside um dos ruídos da literatura, a ética da voz narrativa não se vale da alteridade, mas se junta ao do mundo dos personagens da trama tornando-se mais factível. Para Paulo Lins os personagens do romance “Cidade de Deus” não se inscrevem no mundo, são escritas nele. As pessoas e as crianças são expostas as mazelas do mundo sem socialização, abandonadas a própria sorte, fazendo da violência algo presente na vida assim como a vivência no crime. E visível que os que crescem

¹⁴ DALCASTAGNÉ, Regina, professora e crítica literária da ficção brasileira contemporânea.

¹⁵ DALCASTAGNÉ, Regina (org.). “Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: *Ver e imaginar o outro-alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo (SP): Horizonte, 2008.

no meio do crime têm sua identidade influenciada pela banalização da violência.

No capítulo 3, será elaborado um plano de aula com o objetivo de mostrar como tratar a ficção brasileira contemporânea em sala de aula.

Capítulo III

Professora: Audria Thays Arraes Pereira

Escola: Centro Educacional I do Guará

Disciplina: Literatura Brasileira

Duração: 4 aulas de 50 minutos

Turma: 3º ano do Ensino Médio

Assunto: A violência urbana na ficção contemporânea brasileira – “Cidade de Deus”, de Paulo Lins.

PLANO DE AULA

Competências

- Compreender a ficção contemporânea brasileira como representação simbólica da realidade.
- Compreender que a ficção contemporânea brasileira destaca aspectos da violência urbana.
- Compreender a linguagem coloquial e a oralidade utilizadas na ficção contemporânea brasileira.

Habilidades

- Refletir sobre os aspectos sociais e culturais a partir da leitura de trechos da obra “Cidade de Deus”, de Paulo Lins.
- Identificar na obra literária contemporânea a presença da violência urbana e periférica.
- Identificar e refletir sobre o uso da linguagem coloquial e da oralidade presente na obra “Cidade de Deus”, de Paulo Lins.

Procedimentos

- Iniciando com aula expositiva apresentando trechos da obra “Cidade de Deus”, de Paulo Lins e identificando características da ficção contemporânea estabelecendo relação com textos e debatendo o tema violência.
- Identificando na obra “Cidade de Deus”, de Paulo Lins os aspectos da linguagem típica dos moradores de periferia fazendo uma relação entre obra literária e sociedade.
- Finalizando o estudo da literatura contemporânea brasileira com a construção de um mural em que sejam expostos os vários aspectos da violência urbana, seja, simbólicos ou de outras formas.

Bibliografia

LINS, Paulo. “Cidade de Deus”. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PELLEGRINI, Tânia. “Despropósitos”. Estudos de ficção brasileira contemporânea. São Paulo, Anna Blume, 2008, cap. 3, 4,5.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. 6º ed., Porto Alegre, ArtMed, 1998.

Atividades propostas para as aulas

Para melhor conscientização dos alunos no processo ensino-aprendizagem e como reflexão crítica por parte dos discentes sobre a banalidade da violência urbana em sala de aula, o professor apresentará alguns exemplos da violência com a finalidade de destacar os vários tipos de violência presentes na sociedade contemporânea globalizada e que são registradas, seja na literatura, nas revistas e/ou na mídia televisionada sendo difundido como espetáculo.



Imagens chocantes de Muamar Kadafi morto



Suborno e prisão de traficantes na favela da Rocinha



Violência Doméstica - O que Fazer



Violência Urbana



Pai bate em filho com chicote de cavalo em MS

Primeira Aula

Iniciar comentando as imagens mostradas pelo professor ao destacar os vários tipos de violência para introduzir o assunto a ser ministrado e depois perguntar aos alunos:

- O que é literatura contemporânea?
- Se conhecem Paulo Lins?
- Se já leram alguma obra dele?
- Se sabem que ele é conhecido como um escritor periférico?
- O que significa ter essa classificação?

E mostrar que assim como Paulo Lins existem outros escritores como Patrícia Melo ("Inferno"), Rubem Fonseca ("Feliz Ano Novo"), Ferréz ("Capão Pecado"), dentre outros.

Após essas explicações, solicitar que façam duplas para ler trechos da obra "Cidade de Deus", de Paulo Lins e depois discutir entre si suas experiências e opiniões sobre o assunto.

Em seguida solicite que um aluno de cada dupla faça a leitura em voz alta do seu trecho e compartilhe com os demais da turma seu entendimento quanto à leitura.

Ao final, solicitar que seja feita pesquisas pela internet sobre a temática violência para que possam montar um mural educativo.

Trechos da obra literária "Cidade de Deus" que vão ser usados:

Trecho 1

— Aí, vamo subir por aqui — sugeriu Tutuca.

— Não, vamo pelo Lazer que é mais aberto, morou? Dá pra ver todo mundo e vamo dar os berro pra Creide levar — disse Martelo.

— Que nada, cumpádi! — rebateu Tutuca. — Bandido que é bandido tem que andar é trepado, morou? Não vou andar na mão baludo, não. Sabe lá se aparece alguém aí pra

sabarcar nosso dinheiro? A gente nem sabe quem é quem aqui, cumpádi! Tá pensando que só tem nós de bicho-solto aqui, xará? Aqui só tem favelado! Tem nego até da Baixada entocado por aí. E se os samango pia na parada? Como é que você vai trocar com eles? Na mão é que não vai dar! — concluía Tutuca sem perder o ritmo da caminhada. (LINS, p.22).¹⁶

Trecho 2

— Aí, cumpádi, onde tu arrumou essa mereca toda?

— Que que tu...

— Vai me dando, que eu vi bem você de pinote na hora que os samango pintou, e é o seguinte, quem ia sabargar era a gen...

— Vai tomar no cú, rapá! Tá pensando que birimbau é gaita? — disse Pelé sem gaguejar.

— Não tem caô nem lero-lero. Vai me dando tudo, se não o bicho vai pegar pra cima de você!

— Qualé, Inferninho? Qualé Pelé? Tão lombrando por causa de quê?

(...)

— Passistinha! Puta que pariu! Tem uma caralhada de tempo que a gente não cruza.

—É cumpádi... Tem uma etapa. Já tá aprontando, hein, cumpádi?

— Vai dizer que foi tu que ganhou o caminhão?

— Não. Foi os cara aí, morou?

— Porra! Quase que eu danço por causa de vocês, morou, cumpádi?

— Por causa da gente por causa de quê?

— Se vocês não ganham os otários, os homi não ia tá lá. Tinha que avisar.... (LINS, p.28, 29).¹⁷

Trecho 3

— Eu sei quem dedurou vocês, morou? — disse Lúcia Maracanã assim que encontrou os amigos.

¹⁶ LINS, Paulo. "Cidade de deus". São Paulo: Companhia das letras, 2002, p.22.

¹⁷ LINS, Paulo. Idem, p.28 e 29.

— Quem foi, quem foi? — perguntou Martelo.

— Foi aquele **biriteiro** que só fala com os outros quando tá **doidão de goro**. Mora pertinho de você, **rapá!**

— Quem, cumpádi? — perguntou novamente Martelo.

— Um que anda de camisa vermelha, **passa vaselina no cabelo**, **só toma batida de pêssego**. Tá sempre aqui.

— Ah, já sei...! **Que filho da puta!** **Vou deitar ele, morou, cumpádi?**

— **Deita mermo. Cagüete merece morrer.** Se eu ver ele, eu mermo deito! (LINS, p. 38).¹⁸

Trecho 4

— Tá preso!? — retrucou Manguinha, exagerando uma tranqüilidade irônica.

— **Tu é playboy, rapá!** Teu pai tem dinheiro! Tu tem boa aparência, pode arrumar emprego em qualquer lugar, não precisa de dinheiro, não... **Tá preso! O ferro tá preso!** — finalizou sem saber que Manguinha, áquela altura, era um bandido muito mais perigoso do que ele.

— Então tá, **é contigo mermo**, mas tem o seguinte — falava Manguinha. — **Tu vai com ela pro inferno, seu filho-da-puta!** — disse, ao tirar **uma pistola 765 de trás da cintura**.

O bandido somente nesse momento percebeu que o revólver estava sem munição. Subitamente, ajoelhou-se e pediu pelo amor de Deus que Manguinha não atirasse.

— **Deita no chão!** (LINS, p.257).¹⁹

Trecho 5

— Pera aí, pera aí. O caso é o seguinte: eu **só tô afim de matar ele**, **só não vou sair com ninguém para roubar, nem assaltar, nem ficar com esse negócio de boca-de-fumo**, não!

— Se é assim, assim vai ser, mas **a boca é minha** e isso vai ser assim também. Tá certo? — afirmou Cenoura e passou os olhos nos demais.

— É contigo mesmo! — disse Bonito.

— **Se me der um ferro, eu formo o bonde pra passar ele!** — disse **Filé com Fritas**, um dos **esculachados**, de apenas oito anos.

¹⁸ LINS, Paulo. Ibidem, p.38.

¹⁹ LINS, Paulo. Ibidem, p.257.

— Vai formar bonde porra nenhuma! Tu tem que parar com essa onda de roubar e procurar uma escola ...Tu é criança, rapá! — disse Bonito.

— Meu irmão, eu fumo, eu cheiro, desde nenenzim que peço esmola, já limpei vidro de carro, já trabalhei de engraxate, já matei, já roubei... Não sou criança não. Sou sujeito homem! (LINS, p.318).²⁰

Trecho 6

— É teu irmão, mas é alemão, cumpádi! Sabe qualé? Não te essa de família, não! Tem que passar, tem que passar! — disse Cenoura a Cebion, de apenas treze anos.

— Eu sei, cumpádi! Só que eu vou pegar ele de dia, morou? De noite, minha mãe tá em casa.

— Então, vamo dar um ataque agora, se ele tiver lá, a gente passa ele.

— Tu vai também?

— Craro!

— Correram pelos becos como determinara Cenoura. Rodaram por todos os cantos e nenhum inimigo na rua. Para mostrar que era fiel a Cenoura, Cebion mesmo sugeriu:

— Vamo lá em casa, de repente aquele safado tá dormindo.

E estava. Foi acordado com o cano do revólver na nuca, foi levado para a rua, sua única defesa foi ameaçar o irmão:

— Se a mamãe souber que tu me matou, ela vai ficar puta contigo!

— Foda-se! Quem mandou tu virar alemão?

Alexander foi levado para a beira do rio e o próprio irmão desfechou três tiros naquele corpo de apenas dez anos. (LINS, p, 393).²¹

Segunda Aula

Apresentação do filme "Cidade de Deus", um filme brasileiro de 2002 dirigido por Fernando Meirelles e co-dirigido por Kátia Lund. Adaptado por Bráulio Mantovani a partir do livro de mesmo nome escrito por Paulo Lins. O

²⁰ LINS, Paulo. Ibidem, p.318.

²¹ LINS, Paulo. Ibidem, p.393.

filme mostra o crescimento do crime organizado na Cidade de Deus entre as décadas de 1960 e 1980.

O filme “Cidade de Deus” é importante para a sociedade brasileira por mostrar a representação da fragmentação que nem sempre está em harmonia com a narrativa que relata o poder pertencente ao autor, o filme dá ênfase aos conflitos da contemporaneidade e mostra as possibilidades de mudança dos nichos da sociedade, além de evidenciar as desigualdades sociais e uma das causas da violência, em uma sociedade predominantemente consumista.

Por meio dos conflitos existentes no filme, pode-se ver as características das relações sociais. O conflito existente gera tensão, possibilita o aumento da consciência dos alunos para que possam ver o poder e quais os tipos de poder existem na sociedade. Não esquecer que se evidencia o macropoder (o Estado e suas Leis) e o micropoder (as instituições policiais, religiosas, entre outros). (Foucault).

O filme traz em sua temática uma discussão sobre o envolvimento de personagens adolescentes com as questões da urbanidade acelerada que é uma característica da contemporaneidade, da periferia dos grandes centros, do choque cultural entre adolescentes de classes sociais diversas, do tráfico de drogas e das modalidades da existência e coexistência de seres que vivem e sobrevivem dentro do território em constante mutação.

Terceira Aula

Continuação do filme “Cidade de Deus”, e ao final um pequeno debate sobre:

- A obra como representação da realidade.
- A realidade é simbólica ficcionalmente? E no dia a dia?

- A linguagem utilizada pelos personagens do romance dentro da periferia comparada com a fala utilizada pela sociedade escolarizada.
- Principais aflições e contradições do destino humano. Só a sociedade do asfalto é privilegiada? Tem dúvidas e aflições? E a sociedade da favela, da periferia, quais são suas aflições e seus medos?

Quarta Aula

Montar os grupos, juntar o material de pesquisa, textos da internet, recortes de jornais e revistas, fotos e produção textual. O mural será feito com cartazes explicativos com textos contendo a temática violência nas suas diversas formas.

Por fim os cartazes serão expostos para que os demais alunos da escola possam ter acesso ao conteúdo e os professores que queiram possam também complementar o mural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É o presente que me fascina nesse início de século. Por vezes assusta, mas seduz sempre, segundo a crítica Beatriz Resende. Enquanto há uma tendência atual a se escrever sobre o passado, a proposta da pesquisa foi desvelar o presente nas cidades.

E a escrita se tornou o espaço da violência como acontece, por exemplo, com “*Cidade de Deus*”, de Paulo Lins, objeto de estudo da pesquisa. Por quê?

Ao se escolher representar a violência urbana (na periferia) pode parecer uma maneira óbvia de demarcar territórios, criticar as desigualdades sociais, evidenciar uma sociedade do espetáculo e muito mais. No entanto, é por meio da escrita estética, o texto literário, o óbvio vai expandindo seus tentáculos e “gritando” que cada vez mais o processo de globalização perverso vai dinamitar a sociedade.

A violência que Paulo Lins expressa em “*Cidade de Deus*” é claramente retirada da realidade e depois ficcionada, sob o viés de um olhar de quem vivencia, de quem faz parte daquele contexto. Não foi alguém de outro contexto que resolveu relatar o cotidiano daquele submundo. Foi o que sentiu e sente na “própria carne” uma realidade de terror e muita brutalidade, seja física, seja simbólica, seja ilegal, seja oficial.

A violência na obra parece assim que mais se apresenta do que se representa, pois em muitos momentos se dá gratuitamente, como um roteiro ainda não efetivado, mas que não tarda a ser tão bélica e cruel como às que se assistem na mídia televisa e que despertar no indivíduo a um pensar: vale a pena lutar?

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hanna. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

BARTHES, Roland. O efeito do real. In: _____; *O rumor da língua*. Tradução de Mauro Laranjeira. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988.

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. A nova narrativa. In _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, Literatura de dois Gumes.

DALCASTAGNÉ, Regina (Org.). *Alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte.

_____. *O espaço da dor.: o regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Editora UnB, 1996.

_____. "Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: *Ver e imaginar o outro-alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo (SP): Horizonte, 2008.

LINS, Paulo. "Cidade de Deus." 2 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ORLANDI, Eni. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004a, p. 30.

PELLEGRINI, Tânia. "Despropósitos". *Estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo, Anna Blume, 2008.

_____. "No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 24. Brasília, julho-dezembro de 2004.

RESENDE, Beatriz. *Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos*. Uma história dos perversos. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SCHWARZ, R. *Cidade de Deus. Sequências Brasileiras: Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6 ed., Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SITES ACESSADOS

Disponível em :<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,imagens-chocantes-de-muamar-kadafi-morto,788437,0.htm>. Acessado em 21 de novembro de 2011

Disponível em: <http://topicos.estadao.com.br/fotos-sobre-rio-de-janeiro/suborno-e-prisao-de-trafficantes-na-favela-da-rocinha,ff7ffb68-70d2-48df-8135-09fe507222d0>. Acessado em 21 de novembro de 2011.

Disponível em: <http://estudoviolencaurbana.blogspot.com/>. Acessado em 21 de novembro de 2011

Disponível em: <http://www.arenapolisnews.com.br/noticia.php?cod=333785>. Acessado em 21 de novembro de 2011.

Disponível em: <http://www.mulherbeleza.com.br/relacionamento/violencia-domestica-o-que-fazer/>. Acessado em 21 de novembro de 2011.